

TRILHA ECOLÓGICA COMO FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA SERRA DE SÃO JOSÉ-MG

PINA, Antônio Augusto de Souza¹; CARVALHO, Maria Clara Moraes¹; FREDERICO, Luiza Lourenço²; SILVA, Luiza Gabriele²; REIS, Renata de Souza³;

¹Discente de graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de São João del Rei

²Discente de graduação em Zootecnia pela Universidade Federal de São João del Rei

³Docente do curso de Zootecnia pela Universidade Federal de São João del Rei
antonioaugustopina@hotmail.com.br

Resumo

As atividades práticas de educação ambiental têm se mostrado boas estratégias para a conservação. Dado que uma das finalidades da educação ambiental é a sensibilização coletiva sobre o tema. Assim, atividades que trabalham isso se tornam ainda mais importantes, por exemplo, as trilhas ecológicas. Desta forma, foi organizada uma trilha ecológica, que visava de forma interdisciplinar, atingir pontos como promover a conservação, aplicar educação ambiental, a conexão com o meio ambiente e o pertencimento a ele. A caminhada se mostrou positiva, visto que atingiu o público positivamente, direcionou a atenção e o interesse pelo local, fazendo-os se preocupar com a conservação do mesmo.

Palavras-chave: Conservação. Educação ambiental. Espaços não formais. Serra de São José. Trilha ecológica.

Introdução

A conservação da biodiversidade se tornou uma pauta muito importante e complexa da contemporaneidade. Apesar da crescente degradação dos ecossistemas, observa-se, muitas vezes, um distanciamento entre o meio acadêmico e científico e a percepção da sociedade, resultando em um baixo engajamento social nas discussões sobre esse tópico.

Nesse cenário, a educação ambiental ocupa um espaço capaz de reconstruir o vínculo entre o ser humano e o meio natural, através de propostas pedagógicas diversas. Uma dessas propostas é a trilha ecológica, que diferente do ensino tradicional, se insere como educação ambiental em espaço não formal, o que potencializa a sensibilização (LOUREIRO, 2004), observada pela ausência de rigidez por parte dos participantes que os torna mais receptivos a atividade, ao se tratar de uma forma mais lúdica, sensorial e aproximando o tema abordado, com o meio em que a pessoa está inserida. Além disso, a educação não-formal se mostra ainda mais fundamental por atingir todas as classes e vivências oferecidas nesses espaços, promovem construções dos saberes de forma coletiva, assim como uma história individual e social aos mesmos (ARRUDA, 2021).

Especificamente na Trilha do Carteiro, na Serra de São José, o percurso é exposto a um cenário onde a geologia, a flora e a fauna se entrelaçam com a história local. Isso torna essa trilha uma potencial ferramenta pedagógica para que a conservação deixe de ser um conceito abstrato e passe a ser compreendida através do senso de pertencimento e identificação com um ambiente próximo.

Ao contemplar a paisagem e identificar danos ambientais naquele ambiente, as pessoas ficam mais dispostas a refletir sobre a conservação deste lugar, tornando a trilha um instrumento de sensibilização e ambiente de potencial educação ambiental (SOUZA, 2014).

Objetivos

O objetivo central foi sensibilizar a comunidade e os estudantes sobre a conservação da biodiversidade. Buscou-se estimular a observação atenta da natureza, fomentando o senso de pertencimento e a compreensão, com a finalidade de instigar o público no que diz respeito à conservação ambiental.

Metodologia

A presente atividade de extensão caracterizou-se como uma ação educativa em espaço não formal, realizada na Trilha do Carteiro, na Serra de São José, em Tiradentes-MG. A Serra de São José, localizada principalmente entre os municípios de Prados e Tiradentes em Minas Gerais (DRUMMOND, 2008), representa um ecossistema de transição entre Cerrado e Mata Atlântica de altíssima relevância biológica e cultural. A trilha contou com a participação de aproximadamente 50 indivíduos, abrangendo um público diversificado composto por professores, estudantes e membros da comunidade local. A organização foi conduzida de forma interdisciplinar pelo Grupo de Estudos de Animais Silvestres (GEAS UFSJ), com suporte técnico e operacional de discentes e docentes dos cursos de Biologia, Zootecnia e Educação Física.

No início do percurso, os participantes foram submetidos a uma instrução técnica sobre saúde, segurança e ética ambiental. Foi recomendado o uso de vestimentas adequadas (calças e calçados fechados) para proteção individual e a proibição rigorosa de coleta de material botânico, manejo da fauna silvestre ou descarte de resíduos de forma incorreta. Como estratégia de imersão e atenção plena, foi solicitado que suspendessem o uso de celulares e aparelhos sonoros, visando direcionar o foco dos participantes exclusivamente à atividade, à contemplação do ecossistema e às intervenções teóricas dos guias.

O percurso foi estruturado em paradas estratégicas, onde foram abordados aspectos biológicos, geológicos e geográficos da região. Os monitores conduziram a interpretação ambiental e guiaram a observação assistida da avifauna e da flora nativa, além da identificação de impactos antrópicos, utilizando o cenário real como objeto de análise crítica e discussão sobre conservação ambiental. A atividade contou com protocolos de acessibilidade física, mediados pelo curso de educação física nas paradas. Foi dada a opção aos participantes do retorno auxiliado por monitores do trajeto, garantindo que limitações individuais de condicionamento físico não comprometessem a segurança dos envolvidos ou a continuidade do restante do grupo.

Como forma de se captar resultados e observar o êxito da atividade, ao longo do percurso eram realizadas perguntas e propostos diálogos de forma natural, além de observados pelos responsáveis pela atividade durante todo o trajeto, assim seria possível analisar as atitudes, pensamentos e as reflexões acerca do ambiente por parte dos participantes. Ao final da trilha, também foi realizada uma roda de conversa para todos compartilharem suas visões e experiências.

Resultados e Discussão

A realização da trilha ecológica se mostrou uma estratégia eficaz para a percepção ambiental. A presença de aproximadamente 50 participantes evidenciou o interesse da comunidade local e do corpo discente por esse modelo de atividades de educação. Durante o percurso, observou-se baixa utilização de celulares, decorrente de adesão espontânea dos participantes à proposta da atividade. Esse comportamento foi justificado pelo elevado nível de engajamento nas atividades interpretativas e pela imersão no ambiente natural. O uso dos aparelhos ocorreu apenas em momentos específicos de contemplação, destinados ao registro

de paisagens, espécimes da fauna ou fotografias em grupo. Esse aspecto contribuiu para o aumento da acuidade sensorial dos indivíduos.

No que diz respeito aos aspectos de conservação, a imersão permitiu o diagnóstico de impactos antrópicos negativos. Foi observada uma presença considerável de resíduos sólidos descartados irregularmente, além da circulação de animais domésticos no interior da área preservada. A discussão desses elementos propiciou uma reflexão crítica imediata sobre os riscos biológicos envolvidos, como a predação de fauna silvestre por cães, a degradação do solo e da flora nativa, além da contaminação das águas.

Durante a roda de conversa realizada no final da trilha, muitos participantes manifestaram suas experiências. De forma unânime, o planejamento adotado foi avaliado positivamente, sendo associados resultados significativos à experiência vivenciada. Foi percebido que grande parte do público não conhecia a trilha nem a serra em questão, o que evidencia a capacidade da atividade de voltar a atenção da comunidade para a questão ambiental. Isso nos mostra que o uso de trilhas ecológicas guiadas possibilita ampliar a compreensão dos participantes acerca da importância ecológica e da necessidade de conservação desses ambientes naturais, promovendo maior sensibilização sobre a preservação de áreas próximas à própria comunidade local, como apontam estudos (SOUZA, 2014).

Foi possível constatar que a visualização direta da vulnerabilidade ambiental, gerou um engajamento emocional e participativo. Os participantes demonstraram maior receptividade aos conceitos de conservação ao estabelecerem um vínculo de pertencimento com o território. Esse fenômeno corrobora a premissa de que a contemplação da natureza é um estágio fundamental para a sensibilização ambiental.

Conclusão

A inserção entre diferentes áreas do conhecimento e a comunidade local na Serra de São José demonstrou que ambientes não formais de ensino são cruciais e estratégicos para a educação ambiental. Os participantes entenderam a trilha, não como apenas uma caminhada, mas um exercício de percepção ambiental e aprendizado. Portanto, conclui-se que o uso de espaços não formais de educação, somados à contemplação guiada, pode despertar um senso de pertencimento, que serve de base para uma possível mobilização no futuro em prol da conservação.

Referências

ARRUDA, Adriana Lúcia de; ALMEIDA, Claudiani Aparecida de Assunção; COSTA, Ivalleica Ferreira da; ALMEIDA, Leticia Adrielle Malaquias de Oliveira; LUZ, Ua-Naia Aparecida; SANTOS, Vania Valesca Castilho da Silva. Espaços não formais na educação. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 9, p. 1370–1380, 2021.

DRUMMOND, Rosana Augstroze Rutter; ALVES, Ruy José Válka; KOSCHNITZKE, Cristina. Melastomataceae da serra de São José, Minas Gerais. **Revista de Biologia Neotropical / Journal of Neotropical Biology**, Goiânia, v. 4, n. 1, p. 1–12, 2008.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Trajetória e fundamentos da educação ambiental. São Paulo: **Cortez**, 2004.

SOUZA, Mariana Cristina da Cunha. Educação ambiental e as trilhas: Contexto para a sensibilização ambiental. **Revbea**, São Paulo, V.9, No 2: 239-253, 2014.